

## O processamento dos clíticos de 2ª pessoa do singular no Português Brasileiro

Thiago Laurentino de Oliveira<sup>1</sup>

Célia Regina dos Santos Lopes<sup>2</sup>

Eduardo Kenedy<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste artigo, discutem-se os resultados de um experimento psicolinguístico *offline* (julgamento de aceitabilidade) construído acerca dos clíticos pronominais com referência à 2ª pessoa do singular (*te*, *lhe* e *o/a*). A hipótese testada é de que existem diferenças significativas na aceitabilidade desses clíticos pelos falantes do Português Brasileiro, sendo *te* a forma mais geral e utilizada pelos indivíduos em diferentes contextos comunicativos. Os primeiros dados de julgamento já obtidos vão ao encontro da referida hipótese, uma vez que apontam para uma alta taxa de aceitabilidade de *te* em oposição às formas *lhe* e *o/a*. Os dados também dialogam com as pesquisas sociolinguísticas que afirmam que *te* passa por um processo de generalização no PB.

**Palavras-chave:** Clíticos de 2ª pessoa. Julgamento de aceitabilidade. Psicolinguística experimental.

### Introdução

No presente artigo, são investigadas as formas pronominais átonas de referência à 2ª pessoa do singular (2SG) na posição de objeto, referidas na literatura linguística como *clíticos*. Especificamente, deseja-se observar o comportamento das formas clíticas *te*, *lhe* e *o/a*, que, no Português do Brasil (doravante, PB) podem atuar como formas variantes de 2SG, como se vê no exemplo a seguir:

(01)

- a. **Você<sub>i</sub>** sabe que eu **te<sub>i</sub>** amo.
- b. **Você<sub>i</sub>** sabe que eu **lhe<sub>i</sub>** amo.
- c. **Você<sub>i</sub>** sabe que eu **o<sub>i</sub>/a<sub>i</sub>** amo.

Em um breve resgate histórico sobre as origens desses clíticos, pode-se constatar que a alternância entre as variantes no PB contemporâneo é fruto da associação entre formas de

<sup>1</sup> Doutorando em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da Professora Doutora Célia Regina dos Santos Lopes. Bolsista do CNPq, RJ, Brasil. thiago.laurentinodeoliveira@gmail.com

<sup>2</sup> Professora-associada de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da UFRJ; celiar.s.lopes@gmail.com .

<sup>3</sup> Doutor em Linguística. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFF, RJ, Brasil. edu.kenedy@gmail.com.

paradigmas distintos. De um lado, encontra-se o clítico *te*, oriundo do paradigma do antigo pronome latino *tu*, que cumpre, desde sempre, a função de referir-se à 2SG. De outro lado, têm-se os clíticos *o/a* e *lhe*, pertencentes originalmente ao paradigma do pronome de 3ª pessoa do singular (3SG) *ele/ela*, que passam a poder referir-se à 2SG graças à emergência do *Vossa Mercê* (> *você*) no quadro de pronomes de tratamento do português, ocorrida no período medieval. Pode-se dizer, portanto, que o quadro de clíticos com referência à 2SG no PB constitui-se, ao mesmo tempo, da forma herdada do paradigma latino (*te*) e das formas que migraram da 3SG para a 2SG junto com *você* (*lhe* e *o/a*).

A influência dessa origem distinta reflete-se fortemente no comportamento dos clíticos em relação à 2SG. Diversos estudos, baseados em análise de *corpora* sincrônicos e diacrônicos, têm evidenciado que, mesmo após a difusão de *você* no sistema, o clítico que se revela mais produtivo é *te*, ou seja, o clítico originalmente vinculado ao pronome *tu*. Isso porque, como explicam Brito (2001) e Lopes e Marcotulio (2016), os clíticos *o/a* e *lhe* também podem referir-se à 3SG. Em alguns contextos, a ambivalência dessas formas gera, inclusive, ambiguidade referencial, visto que elas, diferentemente do clítico *te*, não possuem o traço de [2SG] e dependem de um elemento antecedente que apresente esse traço (por exemplo, *você* ó vejam-se as frases em 1b e 1c).

Diante desse quadro, coloca-se a seguinte questão: o que favoreceu a permanência e a alta produtividade do clítico *te* no sistema do PB contemporâneo, mesmo após a série de alterações ocasionadas pela entrada de *você*? Por hipótese, argumenta-se que a alta produtividade do clítico *te* frente aos outros clíticos pronominais favoreceu a automação da estrutura TE+VERBO; como resultado dessa automação, *te* estaria perdendo traços categoriais de clítico e especializando-se na marcação de 2SG. Dessa forma, esse item passa a atuar como um afixo flexional marcador de pessoa. Esse tipo de mudança gramatical já fora observado em outras línguas naturais (cf. LEHMANN, 1985; HEINE & KUTEVA, 2007; COMPANY, 2010; VAN GELDEREN, 2011; GARCÍA SALIDO, 2011).

A fim de recolher evidências que sustentem a hipótese defendida, realizam-se experimentos psicolinguísticos de compreensão com falantes do português brasileiro. Pretende-se, através desses experimentos, demonstrar que: (i) o clítico *te* é a forma amplamente aceita pelos falantes, desvinculada de restrições situacionais e que se refere, inequivocamente, à 2SG; (ii) o clítico *lhe* é interpretado pelos falantes como uma marca de

formalidade, usada para indicar certo distanciamento entre os interlocutores e, por isso mesmo, é menos aceito em interações simétricas; (iii) o clítico *o/a* é uma forma bastante restrita, uma vez que não possui o traço de 2SG (como *te*) nem o traço [+humano] (como *lhe*), apoiando-se necessariamente em um elemento antecedente explícito (linguístico ou situacional) para designar 2SG.

Para a elaboração e aplicação dos experimentos, adota-se uma metodologia psicolinguística voltada para a descrição de fatos gramaticais (KENEDY, 2015). Sendo assim, busca-se estabelecer uma interface entre descrição gramatical e psicolinguística, entendendo que a *performance* dos indivíduos nas tarefas experimentais construídas para a análise do fenômeno em causa poderá fornecer evidências positivas em favor das hipóteses de trabalho.

Como aparato teórico, adotam-se os pressupostos da Linguística Cognitivo-Funcional, com especial atenção para os postulados da gramaticalização, tanto nas abordagens clássicas (HOPPER, 1991, HEINE, 2003, TRAUGOTT, 2003) quanto nas mais recentes (HEINE; KUTEVA, 2007, BYBEE, 2010, TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

O artigo encontra-se estruturado da seguinte maneira: além desta introdução, apresenta-se um breve panorama dos estudos sobre os clíticos de 2SG no PB já realizados até o momento em 2; descreve-se o teste de julgamento de aceitabilidade desenvolvido para a análise da percepção dos falantes em relação aos clíticos de 2SG em 3; analisam-se e discutem-se os resultados obtidos nas primeiras aplicações do experimento em 4; sintetizam-se os pontos mais relevantes em torno da análise apresentada e listam-se os próximos passos a serem tomados no desenvolvimento da pesquisa em 5.

## Os Clíticos de 2ª Pessoa no Português Brasileiro: o Estado da Arte

Dentre as estratégias disponíveis para a expressão da 2SG em posição de objeto atualmente no PB, o clítico *te* é a única que sempre executou tal função, desde a língua latina (cf. CAMARA Jr., 1985; WILLIAMS, 1994). Esse clítico, empregado hoje como complemento verbal acusativo e dativo no português, advém do pronome-objeto acusativo *t* do latim; houve, portanto, um processo de enriquecimento funcional, já que uma mesma forma passou a cumprir mais de uma função, conforme explica Câmara Jr (1985, p.97): ãMe,

*te*, *se* (...) são reflexos do acusativo-ablativo *m*, *t*, *s*. Mas em português os clíticos adverbiais indicam o objeto direto ou indireto, isto é, equivalem a um acusativo-dativo (...)ö.

O clítico *te* não é, porém, a única forma presente no sistema pronominal do português capaz de estabelecer referência de 2SG. Com a emergência da forma *você*, via gramaticalização (Cf. LOPES; DUARTE, 2003; MACHADO, 2011; RUMEU, 2013), na posição de sujeito, os clíticos de 3ª pessoa do singular (3SG) *o/a* e *lhe* adquirem a possibilidade de também se referir à 2SG. Isso porque *você*, embora faça referência à 2SG, originou-se de uma expressão nominal (*Vossa Mercê*), o que permite que esse pronome se correlacione com estratégias de 3SG (os possessivos *seu/sua* e os clíticos de 3SG). Nesse sentido, pode-se dizer que, ao lado do clítico *te*, oriundo do paradigma do pronome *tu*, coexistem os clíticos *o/a* (e suas variantes) e *lhe*, relacionados ao paradigma que se constitui após a inserção de *você*.

Cumprе destacar que tanto o clítico *o/a* quanto o clítico *lhe* são fruto da gramaticalização do antigo pronome latino *ille* em posição de complemento (cf. CAMARA Jr., 1985). Diferentemente da mudança ocorrida com *te*, que neutralizou a distinção entre acusativo e dativo em português, a gramaticalização de *ille* manteve a distinção entre os dois casos, uma vez que *o/a* funciona como acusativo e *lhe* como dativo. Tal divisão tende a desaparecer quando esses clíticos referem-se à 2SG: segundo diferentes estudos realizados a partir da análise de *corpora* orais e escritos (GOMES, 2003; OLIVEIRA SILVA, 2011; SOUZA, 2014), o clítico *o/a* raramente é empregado como estratégia de referência à 2SG, sendo o clítico *lhe* a forma que atua tanto como dativo quanto como acusativo de 2SG.

Diante das três possibilidades de clítico com referência à 2SG, resta saber: (i) Qual a distribuição, em termos de frequência, dos três clíticos de 2SG no PB? (ii) Como se poderia explicar a preferência pela forma que se revelar mais frequente? (iii) Como os falantes do PB reagem frente ao uso desses três clíticos em referência à 2SG? As próximas subseções visam a responder as duas primeiras questões. A terceira questão será discutida nas próximas seções deste artigo.

### ***A distribuição dos clíticos de 2SG no PB: breve relato de estudos empíricos***

Reportam-se sucintamente, nas linhas subsequentes, os resultados gerais de investigações empreendidas no âmbito da sociolinguística que abordaram a questão dos clíticos em referência à 2SG no PB. Consideram-se os estudos de Oliveira Silva (2011), Souza (2014), Oliveira (2014), Almeida (2009) e Araújo; Carvalho (2015).

### *Análise de roteiros cinematográficos*

Oliveira Silva (2011) analisou as diferentes estratégias de 2SG em posição de complemento verbal no português contemporâneo. Com base em um *corpus* constituído por 13 roteiros cinematográficos produzidos em três metrópoles brasileiras ó Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre ó, a autora encontrou a seguinte distribuição geral, ilustrada na Tabela 01:

FUNÇÃO	TE	LHE	VOCÊ	PARA VOCÊ	A VOCÊ	PARA TI	TOTAL
<b>ACUSATIVO</b>	151 81,2%	04 2,2%	31 16,7%	-	-	-	186 33,5%
<b>DATIVO</b>	215 83%	16 6,2%	-	25 9,7%	01 0,4%	02 0,8%	259 46,6%
<b>TOTAL</b>	366 82,3%	20 4,5%	31 7%	25 5,6%	01 0,2%	02 0,4%	445

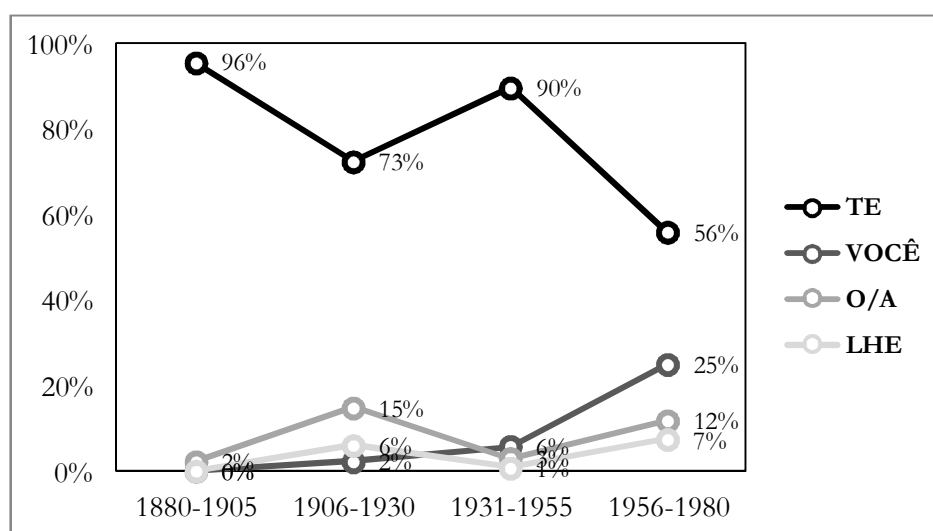
**Tabela 01. Distribuição das estratégias de complemento verbal em roteiros cinematográficos.**  
 (Fonte: Adaptado de OLIVEIRA SILVA, 2011, p. 27).

Como se observa, nos roteiros analisados, houve um predomínio do clítico *te* sobre as demais estratégias encontradas (82,3% das ocorrências, isto é, 366 dos 445 dados de formas pronominais com referência à 2SG). Como complemento acusativo, verifica-se que o clítico *te* corresponde a mais de 80% das ocorrências (151 dos 186 dados obtidos). Como complemento dativo, os percentuais também foram elevados: 83% dos dados correspondiam ao clítico *te* (215 das 259 ocorrências computadas).

Além da evidente recorrência com que o clítico *te* figurou na amostra de roteiros analisada por Oliveira Silva (2011), outros dois aspectos desse estudo devem ser ressaltados: a baixíssima frequência registrada para o clítico *lhe*, que correspondeu a 4,5% dos dados (20 ocorrências do total de 445), e a inexistência do clítico acusativo *o/a* com referência à 2SG nesse *corpus*.

### Análise de cartas pessoais

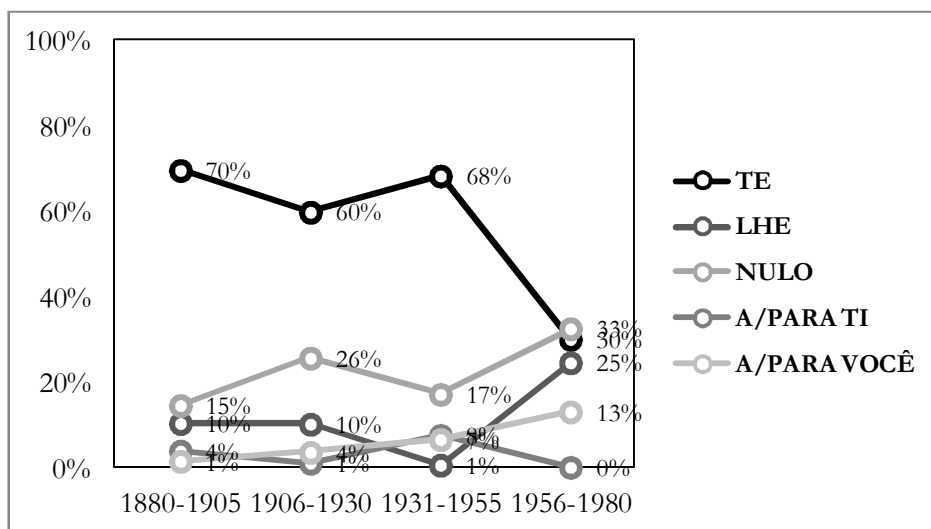
Souza (2014) analisou todas as formas variantes de 2SG na função de acusativo. A autora examinou um *corpus* formado por 504 cartas pessoais produzidas entre as décadas de 1880 e 1980. Nessa amostra, registrou-se o uso dos clíticos *te*, *o/a* e *lhe*. De um total de 433 ocorrências, Souza (2014) contabilizou 337 dados de *te* (77,8%), seguidos de 40 dados de *o/a* (9,2%) e 17 dados de *lhe* (4%) ó além de 29 ocorrências da forma *você* em função acusativa (6,7%). Esses resultados evidenciaram, diacronicamente, a preferência pela forma *te* para a expressão da 2SG. É interessante observar que o clítico *te* foi a estratégia que prevaleceu em todo o período de tempo analisado pela autora, como revela a Figura 01 a seguir:



**Figura 01. Distribuição das formas acusativas ao longo de um século.**  
 (adaptado de SOUZA, 2014, p. 110)

Dentro do mesmo período de tempo em questão, Oliveira (2014) analisou as formas variantes de dativo de 2SG, a partir de um *corpus* de 318 cartas pessoais. Os resultados aproximam-se bastante dos de Souza (2014) em relação à forma *te*: das 811 ocorrências computadas de formas pronominais dativas de 2SG, 464 dados correspondiam ao clítico *te* (57,2%), enquanto o clítico *lhe* registrou 92 dados (11,3%). Não foram registradas ocorrências do clítico *o/a*, dada a sua restrição de uso à função acusativa. Os resultados de Oliveira (2014) apontaram o clítico *te* como a estratégia preferida para a referência à 2SG em função dativa.

Registrou-se, também, que essa preferência foi recorrente em toda a diacronia analisada, tal qual foi verificado por Souza (2014). A Figura 02 ilustra a distribuição dos dados nas fases consideradas pelo autor:



**Figura 02. Percentual de ocorrência das variantes dativas na diacronia analisada.**  
(Adaptado de OLIVEIRA, 2014, p. 132)

Assim como foi destacado em relação à análise dos roteiros de cinema, também aqui vale destacar alguns aspectos observados à luz dos dados da escrita epistolar pessoal: (i) a recorrência do clítico *te* como estratégia preferida em diferentes momentos de um recorte diacrônico de um século; (ii) a presença do clítico *lhe* que, mesmo registrando menor frequência, parece concorrer mais diretamente com *te*, principalmente em função dativa; (iii) a escassa ocorrência de *o/a* como estratégia de referência à 2SG (apenas 40 dados para um período de 100 anos de cartas escritas, em sua maioria, por indivíduos cultos).

*A variação entre te e lhe em dados de fala e escrita: uma questão diatópica?*

Tendo em vista a rara utilização do clítico *o/a* em referência à 2SG, demonstrada pelos estudos mencionados anteriormente, observa-se que os clíticos *te* e *lhe* são as formas que competem diretamente para expressar, em posição de objeto, a informação de 2SG. Quais seriam, então, os fatores que condicionariam a ocorrência de uma ou outra estratégia no PB?



Alguns estudos, como os de Gomes (2003) e Oliveira (2014), argumentam que o clítico *lhe* traz consigo um traço de [+distanciamento], conferindo certo tom de formalidade ao contexto em que é empregado. Outros trabalhos, como o de Ramos (1997) e Bagno (2012), ressaltam que a alternância entre os referidos clíticos se deve a uma questão diatópica: enquanto o clítico *te* prevaleceria na maior parte do país, principalmente nas regiões sul e sudeste, o clítico *lhe* caracterizaria um uso bastante local, atribuído geralmente à região nordeste do Brasil, especificamente às variedades baiana e cearense.

Diante dessa hipótese, reportam-se os resultados gerais de dois estudos que investigaram a expressão de 2SG em posição de objeto na região nordeste. Almeida (2009) analisou a representação da segunda pessoa na função acusativa em dados de fala de Salvador (BA). A partir de entrevistas com 36 informantes, distribuídos igualmente quanto ao sexo, faixa etária e nível de escolaridade, a autora obteve um total de 682 ocorrências de formas pronominais de 2SG, dentre as quais 251 delas correspondiam ao clítico *lhe* (37%) e 247, ao clítico *te* (36%). Como a própria pesquisadora relata,

(...) acreditava-se que uso inovador de *lhe* seria a variante preferida pelos falantes soteropolitanos para representar o objeto direto de referência à segunda pessoa. Como se vê, essa primeira hipótese não encontrou respaldo nos dados (...). O que se tem, na verdade, é uma evidente concorrência entre as formas *lhe* e *te* na comunidade (ALMEIDA, 2009, p. 129).

Haja vista que o estudo focalizava apenas as estratégias acusativas e, como se sabe, o clítico *lhe* atua originalmente na função dativa, Almeida (2009) levantou outra hipótese: o uso de *lhe* como acusativo em Salvador estaria ligado à produtividade desse clítico como dativo. Novamente, os dados obtidos não sustentaram a segunda hipótese, pois das 60 ocorrências de dativo de 2SG obtidas nas entrevistas, 34 delas correspondiam ao *lhe* (57%) e 26, ao *te* (43%). Embora reconheça o número bastante reduzido de ocorrências para dativo, uma vez que as entrevistas foram projetadas com o intuito de captar dados de acusativo, Almeida (2009) admite que os índices de *lhe* como dativo parecem não se distanciar substancialmente da frequência registrada para o *lhe* acusativo.

A autora encontrou, ainda, em sua investigação, fatores que atuariam como condicionadores da alternância *lhe/te* em Salvador. No que diz respeito ao grau de monitoramento do discurso pelo informante, os resultados apontaram que os falantes preferem o clítico *lhe* em situações de maior monitoramento linguístico, ao passo que o clítico *te* foi



mais frequente em situações de menor formalidade. Almeida (2009) postula, por hipótese, que o pronome *lhe* estaria se definindo como uma marca de maior formalidade na comunidade de fala, em consonância com o que já se verifica em outras regiões do Brasil.

Quanto à faixa etária dos informantes, Almeida (2009) relata que essa variável é bastante importante para explicar a variação entre *te* e *lhe* em Salvador, visto que o uso do clítico *lhe* é muito favorecido pelos informantes mais velhos ó 100 dos 122 dados dessa faixa etária, o que corresponde a 82% das ocorrências (P.R. 0.84) ó, tende à neutralidade entre os informantes da faixa intermediária ó 101 dos 190 dados, correspondendo a 53% das ocorrências (P.R. 0.54) ó e é desfavorecido pelos informantes mais jovens ó 50 dos 186 dados, representando 27% das ocorrências (P.R. 0.23). Dessa forma, pautada nos dados de sua amostra, a autora afirma que há, em Salvador, uma mudança em curso em direção à forma *te*, observada em tempo aparente.

É interessante destacar que, segundo Almeida (2009), esse processo de mudança em favor do clítico *te* não é acompanhado por estigmatização social na comunidade de fala, haja vista que o fator nível de escolaridade foi controlado e não se mostrou relevante: tanto os informantes da faixa etária mais velha com escolaridade até o nível fundamental quanto aqueles que possuíam ensino superior dessa mesma faixa utilizaram com mais frequência o clítico *lhe* (83% e 80%, nessa ordem), ao passo que os informantes da faixa etária mais jovem, com nível fundamental ou superior, empregaram preferencialmente o clítico *te* (cerca de 73%, para ambos os grupos).

No artigo de Araújo e Carvalho (2015), focaliza-se, especificamente, a alternância entre os clíticos *te* e *lhe* na escrita epistolar cearense. A partir da análise de 186 cartas, produzidas entre as décadas de 1940 e 1990, os autores obtiveram um total de 149 ocorrências de clíticos de 2SG, sendo 90 delas da forma *te* (60%) e 59 da forma *lhe* (40%). Como se pode observar, assim como na investigação de Almeida (2009), a amostra de dados analisada por Araújo e Carvalho (2015) não sustenta a hipótese diatópica de que o clítico *lhe* seria a estratégia predominante na região nordeste do país.

Outro ponto em comum entre os dois estudos apreciados diz respeito à tendência de generalização do clítico *te*. Araújo e Carvalho (2015) observam que o clítico *lhe* prevalecia no período mais recuado no tempo (1940-50), com um percentual de 56%, frente a 44% de clítico *te*; já nas décadas de 1960-70, tem-se uma inversão dessa distribuição, com 46% de

frequência de dados de *lhe* contra 54% de *te*; no período mais recente (1980-90), a diferença percentual entre *lhe* e *te* aumenta, registrando-se 70% de frequência para este frente a 30% para aquele.

Diante dos resultados reportados por esses estudos, conclui-se que, na expressão da 2SG em forma clítica, parece haver maior frequência de uso do clítico *te*, seguido de uma utilização mais relativizada do clítico *lhe*. O clítico *o/a* é apontado em todos os estudos como uma estratégia bastante rara para a expressão da 2SG, contrariando a prescrição das gramáticas normativas, que advogam em favor do uso desse clítico em correlação com *você*. Conforme foi mencionado, *te* é o único clítico que sempre atuou em referência à 2SG, diferentemente dos outros dois clíticos, fato que parece promover seu emprego. Ainda assim, cabe perguntar: Como se poderia explicar, em termos estruturais e funcionais, a preferência desse clítico em relação aos demais?

### ***De clítico a afixo: uma hipótese de gramaticalização***

Assume-se como hipótese de pesquisa que o comportamento do clítico *te* destoa consideravelmente em relação aos demais clíticos que fazem referência à 2SG no PB contemporâneo porque ele estaria perdendo traços categoriais de clítico e especializando-se na marcação de 2SG, como um afixo flexional marcador de pessoa. Em outras palavras, acredita-se que estaria ocorrendo um processo de gramaticalização desse item no PB.

Por gramaticalização, entende-se aqui, de acordo com uma vasta tradição de estudos de mudança linguística (LEHMANN, 1985; HOPPER, 1991; BYBEE, 2010; TRAUGOTT, 2003, dentre outros), o processo segundo o qual itens e construções lexicais passam a desempenhar, em certos contextos linguísticos, funções gramaticais ou, ainda, itens e construções que já são gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais. Ressalta-se da definição mencionada o fato de que uma construção já gramatical pode adquirir uma função ainda mais gramatical em determinados contextos; sendo um clítico pronominal ó uma entidade gramatical por excelência ó, a forma *te* estaria se morfologizando (HOPPER, 1991) ainda mais ao tornar-se um afixo flexional, uma categoria mais gramatical do que um clítico.

Cumprе salientar, todavia, que esta hipótese não é nova. No âmbito das investigações linguísticas acerca do tema no PB, a dissertação de Brito (2001) teria sido o primeiro trabalho

a formalizar a hipótese da afixação do clítico *te*. Na referida dissertação, a autora investigou o uso variável do pronome de 2SG em função de objeto, destacando a questão da associação entre o clítico *te* e a forma *você* na posição de sujeito (p. ex. *õVocê sabe que eu te amoõ*). Adotando como *corpora* de análise peças teatrais e cartas pessoais produzidas nos séculos XIX e XX, Brito (2001) verificou que o uso variável do pronome objeto de 2SG é condicionado por variáveis distintas; dentre elas, destaca-se a anteposição do pronome em relação ao verbo, que cumpriria um papel decisivo, principalmente nos dados da segunda metade do século XX. Diante dessa constatação, a pesquisadora relaciona a alta frequência de uso de *te*, mesmo nos casos em que se utiliza *você* como sujeito, a um processo de prefixação do clítico, favorecido pela generalização da próclise no PB:

A generalização da próclise torna o clítico, numa locução verbal, sempre fixo ao verbo principal, ou seja, o clítico torna-se um afixo (cf. Cyrino, 1992). E, como mencionamos, torna-se um afixo que reflete a concordância existente no sintagma objeto: *te*, portanto, reflete a concordância com a pessoa com quem se fala, tratada atualmente por *você* (BRITO, 2001, p. 172).

Para explicar por que *te* seria o clítico propício a sofrer esse processo de gramaticalização, Brito (2001) aponta como fator motivador a perda da informação gramatical de pessoa. Os clíticos *o/a* (objeto direto) e *lhe* (objeto indireto), originalmente de terceira pessoa do singular, seriam utilizados em referência à 2SG quando ocorre *você* na posição de sujeito, por uma questão de paralelismo formal. Tal uso, contudo, pode gerar, em um bom número de casos, ambiguidade semântica, haja vista que esses clíticos também podem se referir às formas nominais e aos pronomes de terceira pessoa (*ele/ela*). Dessa forma, no entendimento da autora, a ambivalência dos clíticos *o/a* e *lhe* desfavorece-os como estratégia de 2SG associada a *você*-sujeito. Tal desfavorecimento evidencia-se pela utilização expressiva do clítico *te*, forma genuinamente de 2ª pessoa do singular.

Em consonância com a interpretação de Brito (2001), Lopes, Souza & Oliveira (2013) resgatam a hipótese da afixação do clítico *te*, sob um enfoque funcionalista da mudança linguística por gramaticalização. Ancorados em pesquisas sincrônicas e diacrônicas acerca da variação pronominal de 2SG no PB, os autores assumem que a elevada frequência de *te* proclítico ao verbo, registrada ao longo dos séculos XIX e XX, teria desencadeado a decategorização desse clítico, que perdeu gradualmente sua mobilidade. Além disso, haveria um processo de especialização do pronome, que se converteu em uma marca morfológica de

número-pessoa do referente de 2SG. Outros fatores são ainda apontados, a fim de embasar a hipótese da persistência do clítico *te* como evidência do processo de afixação:

(...) o acusativo e o dativo de 2ª pessoa apresentam o mesmo *output* fonético: eu *te* vi (acusativo) e eu *te* enviei Ø (dativo); isso pode ter motivado a automação da sequência estrutural (*te*-Verbo) como uma única unidade de processamento. Teríamos assim a ritualização de um tipo de construção muito frequente e mais integrada na língua (LOPES; SOUZA; OLIVEIRA, 2013, p. 393).

Pode-se pensar, portanto, que o clítico *te* torna-se a principal estratégia de referência à 2SG graças à confluência de diferentes fatores: (i) a especialização na marcação da 2SG, que remonta à língua latina; (ii) a polifuncionalidade, uma vez que pode atuar tanto como acusativo quanto como dativo; (iii) a fixação de uso em próclise, posição natural/preferencial do clítico no PB. Os clíticos *o/a* e *lhe*, em contrapartida, têm seu uso desfavorecido pela ausência desses e outros fatores.

O Quadro 01 sintetiza três grandes modificações acerca do comportamento do clítico *te*, que têm sido observadas nos diferentes estudos que se debruçaram sobre a questão da referência à 2SG em posição de objeto. São elas: (i) a *desvinculação paradigmática*, uma vez que *te* deixa de ser uma forma correlata do pronome *tu* em posições de objeto e passa a poder combinar-se também com outros pronomes, como *você*; (ii) a *cristalização em próclise*, visto que perde a mobilidade sintática em torno do verbo predicator; (iii) a *imunidade a restrições sociopragmáticas*, já que, ao desvincular-se do paradigma de *tu*, *te* deixa de ser condicionado pela natureza da situação comunicativa. Essas modificações também são tomadas como evidências de gramaticalização.

<b>te [+pronome]; [+Clítico]</b>	<b>&gt; te [+afixo]; [-Clítico]</b>
Vinculado ao paradigma do pronome <i>Tu</i>	Livre de vinculações paradigmáticas (combina-se com <i>Tu, Você, O senhor</i> etc)
Posição variável em relação ao núcleo verbal (CI-V ~ V-CI)	Posição fixa em relação ao núcleo verbal (Pro-V)
Condicionado por fatores sociopragmáticos: [+intimidade], [+proximidade], [-formalidade]	Condicionado por fatores gramaticais: codifica a informação de [2SG]

**Quadro 01. Modificações no comportamento do clítico *te* verificado em estudos de *corpora* do PB.**

Aliado a investigação do processo de gramaticalização do clítico *te*, está o interesse acerca da percepção dos falantes diante dos clíticos de 2SG. Todas as hipóteses já construídas

sobre o comportamento desse fenômeno no PB pautam-se exclusivamente na metodologia etnográfica e introspectiva, nos termos de Kenedy (2015). Investigações de cunho experimental que abordem esse tema ainda não foram feitas, de maneira que não há resultados experimentais que digam, do ponto de vista da percepção, se as postulações feitas se sustentam em termos de processamento linguístico.

Sendo assim, o interesse da pesquisa relatada neste artigo em elaborar e aplicar testes de percepção envolvendo clíticos de 2SG justifica-se pela necessidade de se testar, experimentalmente, as hipóteses construídas a partir da observação dos dados obtidos em diferentes *corpora*. Como primeiro passo, desenvolveu-se o teste de julgamento de aceitabilidade descrito e discutido nas próximas seções. Como ponto de partida dessa jornada experimental em torno do tema, intentou-se elaborar um experimento que respondesse a seguinte pergunta: como os falantes do PB percebem/avaliam, em termos de aceitabilidade, o uso dos clíticos *te*, *o/a* e *lhe* em referência à 2SG?

## Metodologia experimental

A fim de que fosse possível analisar a percepção dos falantes do português brasileiro acerca dos clíticos com referência à 2SG e identificar possíveis diferenças quanto à aceitabilidade dessas formas variantes, elaborou-se o experimento descrito a seguir.

### *Design do experimento*

Utilizou-se o paradigma experimental conhecido como teste de julgamento de aceitabilidade (cf. DERWING & DE ALMEIDA, 2005; SCHÜTZE & SPROUSE, 2013; KENEDY, 2015). Em termos práticos, no julgamento de aceitabilidade, pede-se aos participantes para julgarem se um determinado enunciado é possível na língua, havendo uma interpretação pretendida, implícita ou explicitamente. Dessa maneira, a aceitabilidade é uma percepção que surge (espontaneamente) em resposta aos estímulos linguísticos apresentados e que, tal como outros tipos de percepção ó volume, temperatura, dor ó, não pode ser medida diretamente, isto é, da forma como existe dentro da mente do participante (SCHÜTZE & SPROUSE, 2013, p. 27-28). Em vez disso, o pesquisador deve confiar em métodos de

medição indiretos. Assume-se, portanto, que o julgamento de aceitabilidade<sup>4</sup> é, por si mesmo, um tipo de dado sobre o comportamento e sobre a cognição humana que precisa ser descrito e explicado.

O teste de julgamento de aceitabilidade utilizado enquadra-se dentro do que Derwing & De Almeida (2005) classificam como “Experimentos com escalas” e Schütze & Sprouse (2013) rotulam como “Tarefa da escala Likert” (*Likert scale task*), uma vez que os participantes foram apresentados aos enunciados que continham o fenômeno linguístico estudado e, imediatamente à exposição aos enunciados, avaliaram os estímulos, segundo uma escala de notas de 5 pontos, o quanto aceitáveis eram os enunciados.

Há, todavia, diferenças importantes no *design* do experimento elaborado em relação ao *design* tradicional do julgamento de aceitabilidade geralmente utilizado pelos linguistas. No que tange à forma como os enunciados são apresentados aos participantes, comumente, os pesquisadores inserem seu fenômeno de interesse dentro de uma frase declarativa, exibida na tela branca do computador com um fundo em branco, de maneira que não são oferecidos muitos detalhes de natureza contextual. Esse modelo, porém, não seria eficaz para a investigação dos clíticos de 2SG, pois esses elementos linguísticos exigem sequências textuais dialógicas e informações contextuais que apontem quem são os interlocutores do enunciado.

Diante dessa particularidade relacionada ao objeto de estudo, no experimento desenvolvido, os enunciados aparecem contextualizados em fragmentos de cenas de filmes e seriados estrangeiros (sem áudio), como se fossem o texto da legenda dos mesmos. Com isso, a presença dos clíticos de 2SG nas frases está diretamente relacionada a interlocutores específicos, que interagem em uma situação comunicativa também específica, isto é, são os personagens que aparecem na cena.

## Método

Descrevem-se, nas próximas linhas, o método utilizado para a elaboração e a aplicação do teste de julgamento de aceitabilidade envolvendo fragmentos de cenas de filmes e seriados.

<sup>4</sup> O experimento proposto difere-se, em boa medida, dos clássicos testes linguísticos de *juízo de gramaticalidade*. O objetivo central do referido experimento não é identificar estruturas sintáticas impossíveis ou mal formadas (isto é, *agramaticais*), mas sim observar qual das estratégias será a mais aceita pelos falantes nos diferentes contextos situacionais, sendo, porém, todas elas, estruturas possíveis no português.

### *Participantes*

Participaram do experimento 20 sujeitos, sendo 12 do sexo feminino, e com média de idade de 22 anos. Todos cursam o nível superior, exceto dois, que já são graduados. À exceção de um participante da área de biologia, todos os demais são da área de Letras<sup>5</sup>.

### *Materiais*

Para a elaboração dos itens experimentais e distratores, foram selecionados fragmentos de cenas que seriam utilizados junto aos enunciados<sup>6</sup>. Todos os vídeos foram obtidos a partir de cenas de filmes e seriados estrangeiros disponíveis online no site *YouTube*. Para capturá-los, utilizou-se o *4K Video Downloader*, software gratuito e disponível na internet e compatível com os sistemas operacionais *Windows*, *Mac* e *Linux*. Após a captura das cenas, elas foram recortadas e editadas com o auxílio do *iMovie*, editor de vídeos gratuito, disponível somente para *Mac*. Na etapa de edição, optou-se por silenciar as cenas, visto que o som original poderia desconcentrar os participantes durante a tarefa. Também na etapa de edição, estipulou-se um tempo de duração aproximado de 15 segundos para cada cena, com o intuito de que o tempo total de duração do experimento não causasse um desgaste excessivo nos participantes. Ao todo, foram selecionados 48 fragmentos de cenas.

Posteriormente, foram construídas as legendas a serem adicionadas aos fragmentos de cena. As legendas foram especialmente criadas para o experimento, não havendo qualquer correlação entre elas e o roteiro original das cenas. Para a inserção das legendas nos fragmentos selecionados, utilizou-se o *Movie Maker*, aplicativo gratuito e disponível apenas para *Windows*.

<sup>5</sup> É comum que linguistas, professores de português e estudantes de Letras não sejam selecionados para participar de experimentos psicolinguísticos, pois acredita-se que esses indivíduos podem ter seu desempenho linguístico alterado devido a uma maior consciência metalinguística e/ou maior atenção à norma culta. Embora se reconheça a pertinência dessa opção metodológica, defende-se que ela não seja necessária ao tipo de teste utilizado. A tarefa dos participantes consistiu em uma atividade bastante natural e familiar, de forma que a interferência da consciência metalinguística ou da avaliação segundo a norma culta parece ter sido mínima. Além disso, perguntou-se aos sujeitos, no final do teste, se algo em particular havia chamado a atenção e nenhum dos vinte participantes selecionados mencionou nada relativo aos clíticos de 2SG.

<sup>6</sup> Agradeço o auxílio de Bruna Brasil Albuquerque de Carvalho, bolsista de Iniciação Científica pela FAPERJ, nas etapas de seleção e edição dos fragmentos de cena.



Das 48 cenas selecionadas, 24 delas traziam na legenda um dos clíticos de 2SG (8 legendas com *te*, 8 legendas com *lhe* e 8 legendas com *o/a*<sup>7</sup>). A legenda com o clítico era sempre a última a aparecer em cada fragmento de cena, sendo exibida na cor vermelha. Antes dessa legenda, havia outras (em média, 5), apresentadas na cor branca, com a finalidade de criar um breve diálogo para a situação representada. As outras 24 cenas serviram como distratoras<sup>8</sup>, inseridas com o intuito de despistar os participantes quanto ao fenômeno investigado. Nessas cenas, não havia clíticos de 2SG (embora, como nas outras, a última legenda também aparecesse sinalizada na cor vermelha). Utilizou-se em todas as legendas o mesmo estilo e tamanho de fonte: Segoe UI, 24.

Cabe ressaltar, ainda, o critério metodológico adotado na seleção das cenas para o teste. Os clíticos de 2SG são elementos linguísticos sensíveis a informações contextuais, de ordem sociopragmática, de maneira que, a depender do interlocutor e do tipo de interação estabelecida entre locutor e interlocutor, por exemplo, um determinado clítico teria seu uso licenciado frente aos demais (cf. ALMEIDA, 2009; SOUZA & OLIVEIRA, 2013; SOUZA & LOPES, 2015). A fim de verificar se a variável *tipo de interação*<sup>9</sup> poderia exercer alguma influência sobre o fenômeno em foco, optou-se por controlá-la através dos tipos de cena utilizados. No quadro 02, apresentam-se as situações comunicativas representadas nas cenas, a classificação das cenas (se seria uma interação mais simétrica ou mais assimétrica) e o clítico utilizado nas mesmas<sup>10</sup>:

	LHE				O/A		TE	
	Relações assimétricas		Relações simétricas		Relações assimétricas		Relações simétricas	
(1)	Rapaz menino casa	e em	Casal de namorados jovens conversando	de	Advogada e detento cadeia	na discutindo a relação na rua	Aeromoça e passageiro no avião	Grupo de amigos conversando em um bar

<sup>7</sup> Dada a natureza alternante desse clítico segundo o gênero do seu referente, construíram-se 4 legendas com *o* e 4 legendas com *a*.

<sup>8</sup> Tradicionalmente, nas pesquisas psicolinguísticas, os investigadores inserem dois terços de itens distratores em relação ao número de itens experimentais. No presente experimento, contudo, decidiu-se inserir o mesmo número de cenas experimentais e distratoras, uma vez que as legendas brancas que antecedem a legenda em vermelho já funcionam como distratores. Junte-se a isso o fato de o enunciado a ser avaliado ser apresentado na forma de legenda e acompanhando do vídeo, o que também acaba por atuar como um elemento distrator.

<sup>9</sup> Os pressupostos teóricos relacionados à variável tipo de interação serão explicitados com mais detalhes na subseção 3.2.3.

<sup>10</sup> Todas as legendas criadas para as cenas encontram-se transcritas e devidamente identificadas ao final deste trabalho, nos anexos.

(2)	Cliente e funcionária no caixa do supermercado	Dois amigos conversando no trem	Professora e aluna em sala de aula	Diálogo entre noivos no altar do casamento	Médico e paciente no hospital	Discussão entre jovens em um bar
(3)	Presidiário e advogado na cadeia	Casal discutindo em apartamento	Sequestrador e vítima em área deserta	Casal de jovens na praia	Freira e visitante na igreja	Diálogo entre amigos de trabalho no escritório
(4)	Motorista e policial em Blitz	Dois presidiários na cadeia	Filho e pai em trilha na montanha	Duas amigas em um bar	Cliente e funcionária numa lanchonete	Dois amigos conversando numa arquibancada

**Quadro 02. Situações comunicativas e tipos de interlocutores selecionados para o experimento.**

Após a fase de edição e legendagem, as cenas foram reunidas e programadas no *Psyscope X B77* (COHEN *et al.*, 1993), *software* gratuito e disponível somente para *Mac*, bastante utilizado em experimentos psicolinguísticos. Através desse programa, as cenas foram aleatorizadas, de maneira que cada participante viu as 48 cenas em uma sequência diferente. Além de registrar automaticamente as notas atribuídas pelos participantes, o *Psyscope* computou também o tempo que cada um deles levou para emitir sua nota.

### *Variáveis e condições*

Controlam-se duas variáveis independentes no experimento. São elas: *clítico com referência à 2SG* e o *tipo de interação* estabelecida entre os interlocutores. A primeira variável possui três níveis, a saber: o clítico *te*, o clítico *lhe* e o clítico *o/a*. Por uma decisão metodológica, todos os clíticos aparecem sempre antepostos ao verbo principal, visto que inserir clíticos pospostos em algumas legendas adicionaria outra variável independente no experimento ó no caso, a posição do clítico em relação ao verbo. Além disso, assume-se como pressuposto que a próclise é a posição natural dos clíticos no PB.

A segunda variável é composta por dois níveis: *relação assimétrica* e *relação simétrica*. Para o controle dos tipos de relação, recorreu-se aos pressupostos teóricos da Pragmática Sociocultural (BROWN & GILMAN, 1960; BRIZ, 2004), que postulam um sistema bidimensional de *Poder* (P) e de *Solidariedade* (S). Nessa perspectiva, o Poder representa relações verticais, diferenciáveis ou não recíprocas (diferentes faixas etárias,

gêneros ou posições hierárquicas institucionais). As relações seriam governadas pela *hierarquia* que se estabelece em distintos níveis: pai-filho, professor-aluno etc. Se, ao contrário, houver uma relação horizontal ou recíproca, fala-se em Solidariedade. Na mesma linha de raciocínio, Briz (2004, p.80) afirma que a Solidariedade se refere a relações de *proximidade* e *simetria* entre os interlocutores, que se negociam e se constroem na interação, independentemente do estatuto social. São relações simétricas aquelas em que há igualdade funcional entre os participantes da interação quanto ao papel assumido, tendo em vista o fato de terem a mesma idade, gênero ou profissão. Consideram-se ainda fatores sociopragmáticos que definem as interações de mais proximidade aqueles em que os interlocutores compartilham mais experiências ou saberes, têm maior grau de contato (físico ou ocular) e de compromisso afetivo. Tais elementos reúnem-se preferencialmente em relações *interpessoais* ou *simétricas*. Já as relações *transacionais* são *assimétricas* por definição, pois o papel funcional, os direitos e as obrigações dos interlocutores se apresentam de algum modo determinados e mais estritamente submetidos a convenções sociais.

Conjugando-se as duas variáveis, têm-se, ao todo, seis condições experimentais (cf. Quadro 02). Cada condição experimental aparece no teste de julgamento quatro vezes, o que totaliza 24 itens experimentais. A variável dependente é a nota atribuída segundo a escala *Likert* (de 5 pontos).

### *Procedimentos*

O experimento começou a ser aplicado em maio de 2016, no prédio da Faculdade de Letras da UFRJ. Utilizou-se o computador *MacBook Air* (Laptop da *Apple*, Macintosh), monitor de 116. Cada participante recebeu, individualmente, as instruções para a realização do teste, que foram apresentadas oralmente, na interação direta com o pesquisador, e por escrito, na tela inicial da tarefa. Antes de iniciar o teste com as condições experimentais, todos os participantes realizaram um breve treinamento, com a presença de um pesquisador, que os orientava sobre a mecânica do experimento.

Nesse treinamento ó em que havia apenas legendas distratoras, mas que possuíam o mesmo *design* do experimento real ó os participantes foram instruídos a assistir atentamente aos fragmentos (já que não seria possível paralisar a exibição do vídeo ou rever a mesma

cena) e, ao final de cada um, avaliar a qualidade da legenda de cor vermelha, levando em consideração a coerência com a situação em que ela aparecia. A avaliação foi feita através da escala numérica de 5 pontos (escala *Likert*), segundo a qual a Nota 1 (õcompletamente incoerenteö) deveria ser atribuída às legendas consideradas muito ruins em relação ao fragmento assistido, e a Nota 5 (õcompletamente coerenteö) deveria ser atribuída às legendas consideradas muito boas em relação ao fragmento. Além dessas duas, havia ainda as Notas 2, 3 e 4, intervalares entre os extremos da escala.

O teste real só era iniciado quando o participante demonstrava ter entendido perfeitamente a tarefa. Ao iniciar o experimento, o mesmo ficava sozinho em uma sala com o isolamento acústico desejável para a concentração na tarefa, sem a interferência da presença do pesquisador ou de qualquer outra pessoa. Ao todo, os sujeitos levaram, em média, 15 minutos para executar a tarefa do experimento (somando o tempo de treinamento ao tempo do teste propriamente dito). As notas eram acionadas através de um controle remoto conectado ao Laptop, através do qual os participantes também controlavam o início de cada nova cena.

A grande vantagem do modelo de teste de julgamento de aceitabilidade proposto é a sua *validade ecológica*, nos termos de Kenedy (2015, p. 144): ão fato de que os dados empíricos utilizados pelo linguista referem-se a algo que efetivamente existe no mundo real e não pode ser apenas um artefato criado pelo próprio pesquisadorö. Uma das grandes limitações da metodologia experimental é minimizar a artificialidade das tarefas empregadas. Ao propor que os participantes assistam a cenas legendadas e emitam um juízo quanto à qualidade de uma das legendas segundo uma escala de notas, acredita-se que problemas relacionados à necessidade de abstração ou de consciência metalinguística sejam atenuados. Além disso, os participantes avaliam indiretamente as variáveis independentes em causa, pois são convencidos, durante a tarefa, de que estão julgando toda a legenda destacada em relação à situação presente no vídeo.

### *Previsões*

Correlacionando as hipóteses gerais da pesquisa com o *design* do experimento criado, conjecturaram-se as seguintes previsões acerca do teste de julgamento de aceitabilidade:

- (a) As condições que envolvem o clítico *te* receberiam notas mais altas da escala de julgamento, independentemente do tipo de interação a elas associado (*assimétrico* ou *simétrico*);
- (b) As condições que envolvem o clítico *lhe* receberiam notas mais altas da escala de julgamento quando o referido clítico estivesse associado a uma interação *assimétrica*. Por exclusão, quando *lhe* aparecesse relacionado a uma interação *simétrica*, a condição receberia notas mais baixas;
- (c) As condições que envolvem o clítico *o/a* receberiam notas mais baixas da escala de julgamento, independentemente do tipo de interação a elas associado (*assimétrico* ou *simétrico*).

## Resultados e análises dos dados experimentais

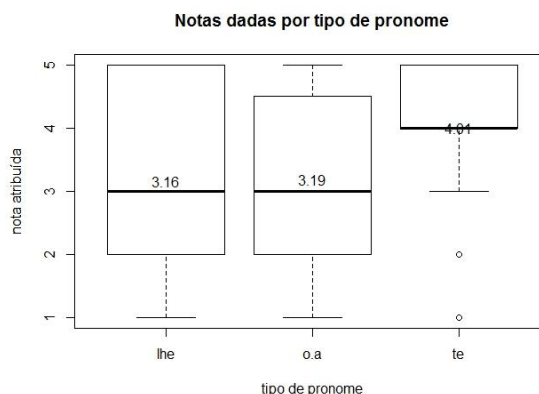
Os dados experimentais foram organizados em uma tabela do *Excel* a fim de serem submetidos à plataforma *R* (R CORE TEAM, 2013), que consiste em uma linguagem de programação bastante versátil, que pode ser utilizada para efetuar computações gráficas e estatísticas, compilar e anotar *corpora*, produzir listas de frequência, dentre outras funcionalidades (cf. OUSHIRO, 2015). Os gráficos exibidos e os cálculos de estatística descritiva e inferencial foram feitos com o auxílio da plataforma *R*<sup>11</sup>.

## Resultados

Após a aplicação do teste de julgamento de aceitabilidade e organização dos dados experimentais obtidos, as respostas dadas pelos participantes segundo a escala numérica de 1 a 5 foram organizadas e analisadas estatisticamente com o auxílio da plataforma *R*. A Figura 08 sintetiza as respostas atribuídas a cada tipo de clítico (*lhe*, *o/a*, *te*) através de *boxplots* (ôngrafo de caixasö), apresentando sua distribuição e dispersão na escala de notas, sem levar em conta a distinção do tipo de interação. Em um *boxplot*, as barras horizontais da caixa central indicam onde se situam os limites de 25%, 50% e 75% das medições (primeiro,

<sup>11</sup> Agradeço à Professora Doutora Livia Oushiro da UNICAMP pelas orientações e explicações recebidas sobre o manuseio e execução das tarefas na plataforma *R*. Destaco ainda que quaisquer possíveis equívocos de análise são de minha inteira responsabilidade.

segundo e terceiro quartis, respectivamente). As barras indicam, ainda, os pontos em que há maior concentração de valores. As barras horizontais delimitando o fim das linhas tracejadas marcam a dispersão dos dados. Já os pequenos círculos apontam os valores atípicos (*outliers*).



**Figura 08. Distribuição das notas atribuídas pelos participantes na escala de julgamento de aceitabilidade segundo o tipo de clítico.**

Como se pode observar no resultado global, as cenas que traziam a forma *te* nas legendas foram as mais bem aceitas: a mediana (linha horizontal em negrito) situa-se no ponto 4 (segunda maior nota da escala) e praticamente coincide com a média geral de 4,01; além disso, o posicionamento da caixa de concentração no eixo de *te* entre os pontos 4 e 5 da escala também é indicativo de que as notas atribuídas às condições com esse pronome foram consideravelmente altas. A dispersão, marcada pela linha tracejada, estende-se até o ponto 3; notas nos pontos 2 e 1, com esse pronome clítico, são consideradas valores atípicos.

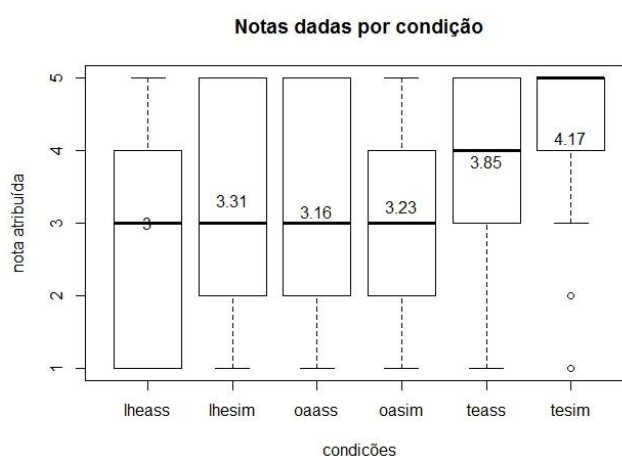
Tal resultado diferencia-se consideravelmente do que foi obtido em relação às cenas que traziam as formas *lhe* e *o/a*. No que diz respeito a *lhe*, nota-se que, apesar de a parte superior da caixa sinalizar uma concentração das avaliações entre os pontos 3 e 5, as maiores notas dos julgamentos situaram-se mais expressivamente no ponto 3 da escala, onde se situa a mediana (e a média, de 3,16). A linha tracejada revela, ainda, certo grau de dispersão, com a possibilidade de haver notas 1, o ponto mais baixo da escala. Padrão similar se apresenta com relação ao eixo da forma *o/a*: as avaliações das cenas que continham esse clítico também se situaram no ponto 3 da escala, conforme indicam a mediana e a média (3,19) na Figura 08.

Há, contudo, diferenças importantes de serem ressaltadas entre o resultado encontrado para as cenas com *lhe* e com *o/a*. Pode-se dizer, a partir das linhas de dispersão presentes no eixo de *o/a*, que houve menor consenso entre os participantes sobre quão aceitável essa forma

pronominal pode ser: percebe-se que as cenas contendo esse pronome clítico foram julgadas tanto com notas baixas (1 ou 2) quanto com notas altas (4 ou 5), e em proporções relativamente semelhantes (ainda que a concentração de notas, assinalada pelas caixas, seja ligeiramente maior na parte superior da escala).

Em uma análise comparativa, através do teste de qui-quadrado, constatou-se ainda que as diferenças na distribuição das notas atribuídas às cenas que continham *te* são significativamente relevantes, tanto em contraste com as notas para *lhe* ( $\chi^2=31,61$  (4),  $p<0,001$ )<sup>12</sup> quanto com as notas para *o/a* ( $\chi^2=43,71$  (4),  $p<0,001$ ). Já na comparação entre a distribuição das notas atribuídas para as cenas com *lhe* e com *o/a*, o resultado não se revelou estatisticamente significativo ( $\chi^2=8,13$  (4),  $p=0,08$ ).

Veja-se, agora, na Figura 09, outro *boxplot* em que se dividem as respostas dadas pelos participantes de acordo com o tipo de interação estabelecida entre os personagens nas cenas apresentadas ó assimétricas (= **ass**) ou simétricas (= **sim**):



**Figura 09. Distribuição das notas atribuídas pelos participantes na escala de julgamento de aceitabilidade segundo o tipo de clítico e o tipo de relação.**

<sup>12</sup> Lê-se ôqui-quadrado igual a 31,61, com quatro graus de liberdade e valor de *p* menor do que 0,001ô. A notação indica que a chance da distribuição de notas observada para as legendas com *te* em comparação com a distribuição observada para as legendas com *lhe* é menor do que 1 em 1000 (ou seja, <0,1%). Os graus de liberdade em um teste de qui-quadrado são dados a partir da multiplicação do número de linhas menos 1 pelo número de colunas menos 1 da tabela de dados analisada. No caso da amostra testada, havia 5 linhas, relativas à escala de notas e 2 colunas, relativas ao tipo de clítico: (5-1) x (2-1) = 4. Vale destacar ainda que, na Psicologia e nas Ciências Humanas, incluindo a Linguística, convencionou-se estabelecer o valor significativo de *p* como igual ou inferior a 0,05 (ou seja, 5%).



Assim como na figura anterior, também na Figura 09 percebe-se que as cenas contendo a forma *te* foram as mais bem avaliadas no teste de julgamento. Quanto ao tipo de interação, verifica-se que, quando havia simetria entre os interlocutores/personagens das cenas cuja legenda trazia o pronome *te*, o índice de aceitabilidade dos participantes foi altíssimo: nessa condição (*te-simétrico*), a mediana encontra-se no ponto 5 (nota máxima da escala), e a média obtida é de 4,17. A concentração de notas situa-se entre os pontos 4 e 5, com a linha de dispersão alcançando o ponto 3. Notas 2 e 1 representam valores atípicos.

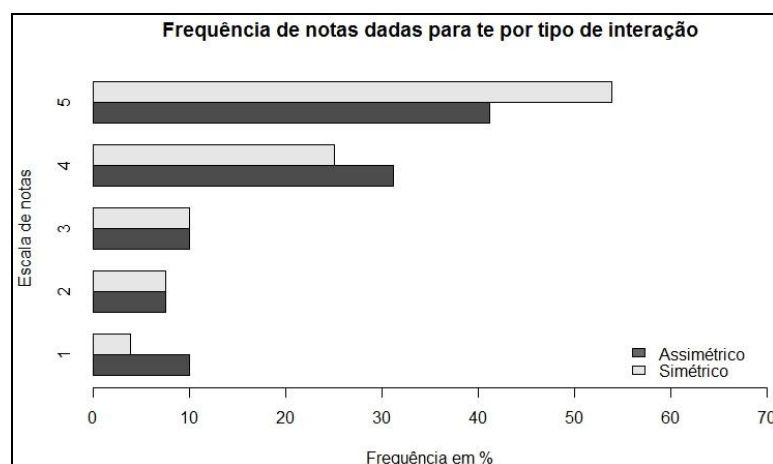
Cumprе ressaltar, entretanto, que o resultado obtido em relação à condição *te-assimétrico* não destoa significativamente do resultado verificado em *te-simétrico*. Embora a linha de dispersão de *te-assimétrico* se estenda do ponto 3 ao ponto 1 da escala e sua mediana esteja situada no ponto 4, as caixas de concentração entre os pontos 5 e 3 da escala evidenciam um alto grau de aceitação da forma *te* também em interações tipicamente marcadas por menor grau de intimidade e/ou maior grau de distanciamento (afetivo e/ou social) entre os interlocutores. Observe-se, ainda, a proximidade entre as médias de notas (3,85 para *te-ass* frente a 4,17 para *te-sim*). Estatisticamente, as diferenças entre as notas atribuídas para as cenas cuja legenda apresentava o pronome *te* em interações simétricas ou assimétricas não são significativas ( $\chi^2=4,66$  (4),  $p=0,32$ ).

Já os eixos de *lhe-simétrico*, *lhe-assimétrico*, *o/a-simétrico* e *o/a-assimétrico*, se comparados aos eixos de *te-simétrico* e *te-assimétrico*, demonstram uma grande oscilação na atribuição de notas, ilustrada tanto pelas caixas de concentração quanto pelas linhas de dispersão. Junte-se a isso o fato de serem registradas, para essas quatro condições, as mesmas medianas (3) e médias bastante próximas (*lhe-ass* = 3; *lhe-sim* = 3,31; *o.a-ass* = 3,16; *o.a-sim* = 3,23). Comparando estatisticamente as condições com o mesmo tipo de pronome, verificou-se que não há diferença significativa entre a distribuição de notas registrada para *lhe-simétrico* e *lhe-assimétrico* ( $\chi^2=7,28$  (4),  $p=0,12$ ) bem como entre *o/a-simétrico* e *o/a-assimétrico* ( $\chi^2=2,56$  (4),  $p=0,63$ ).

O teste de qui-quadrado sinalizou também diferenças significativas entre as condições *te-simétrico* e *te-assimétrico* em comparação com as demais condições do mesmo tipo de interação. Registrou-se um valor de probabilidade estatisticamente relevante no contraste entre a distribuição das notas para *te-simétrico* e *lhe-simétrico* ( $\chi^2=17,57$  (4),  $p=0,001$ ), *te-simétrico* e *o/a simétrico* ( $\chi^2=28,59$  (4),  $p<0,001$ ), *te-assimétrico* e *lhe-assimétrico* ( $\chi^2=14,87$

(4),  $p=0,004$ ), *te-assimétrico* e *o/a-assimétrico* ( $\chi^2=16,79$  (4),  $p=0,002$ ). Em contrapartida, as comparações entre a distribuição das notas para *lhe* e *o/a* não foram significativas mais uma vez, quer nas condições simétricas ( $\chi^2=5,63$  (4),  $p=0,22$ ), quer nas condições assimétricas ( $\chi^2=5,10$  (4),  $p=0,27$ ).

Dando prosseguimento à apresentação dos resultados globais, são apreciados, a seguir, os gráficos de barras gerados a partir das respostas dos participantes para as diferentes condições experimentais. A leitura dos gráficos de barras elucidará as concentrações e dispersões observadas nos *boxplots*, visto que, através das barras, visualiza-se com mais precisão a frequência de notas dadas em cada ponto da escala de aceitabilidade, tendo em vista o pareamento do tipo de relação (*assimétrica* vs. *simétrica*). Na Figura 10, expõe-se o gráfico relativo às cenas com o pronome *te*:

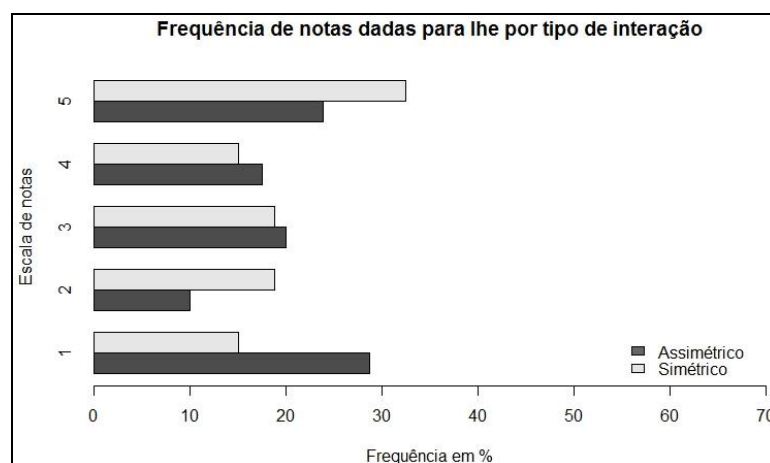


**Figura 10. Frequência em (%) de notas dadas às legendas com o clítico *te*, divididas pelo tipo de interação.** Devem somar 100% as frequências distribuídas pela escala, respeitando-se a divisão pelo tipo de interação. Os 100% correspondem aos 80 dados experimentais de cada condição (i.e., 4 cenas experimentais de cada condição multiplicado por 20 participantes).

É possível observar com clareza na figura que os participantes julgaram muito positivamente as cenas em que havia a forma *te* na legenda, independentemente do tipo de relação. Nas cenas com interações simétricas entre os personagens, computa-se o percentual de 53,8% de notas 5 (isto é, 43 dos 80 julgamentos para esta condição), seguido de 25% de notas 4 (20 dos 80 julgamentos). Nas cenas com interações assimétricas, registram-se 41,2% de notas 5 (33 dos 80 julgamentos para esta condição) e 31,2% de notas 4 (25 dos 80 julgamentos). Chama a atenção, ainda o padrão de triângulo retângulo invertido que formam

as barras, de maneira que os percentuais de frequência de notas diminuam gradualmente do ponto mais alto até o ponto mais baixo da escala.

Os índices percentuais de notas atribuídas para as cenas em que havia o pronome *lhe* são apresentados, na Figura 11, a seguir:

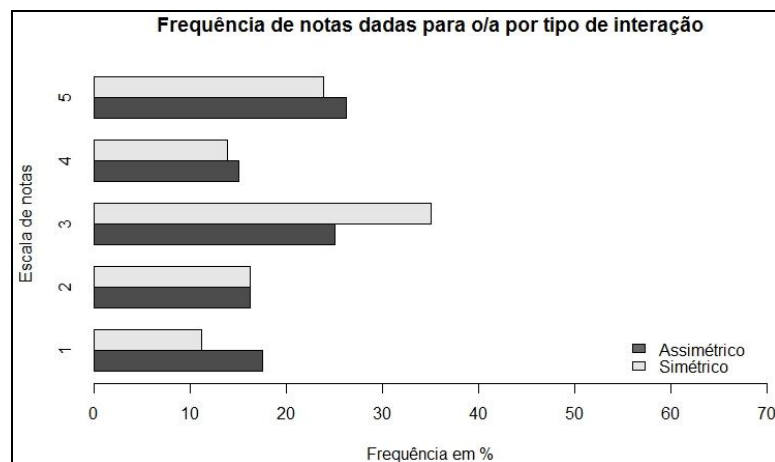


**Figura 11. Frequência em (%) de notas dadas às legendas com o clítico *lhe*, divididas pelo tipo de interação.**

Devem somar 100% as frequências distribuídas pela escala, respeitando-se a divisão pelo tipo de interação. Os 100% correspondem aos 80 dados experimentais de cada condição (i.e., 4 cenas experimentais de cada condição multiplicado por 20 participantes)

Em primeiro lugar, nota-se que não há o padrão triangular mencionado anteriormente para a Figura 10, o que indica a ausência de consenso entre os julgamentos dos participantes. Além disso, cabe assinalar que as frequências das notas não são muito distantes, uma vez que o percentual mais baixo não é inferior a 10% (nota 2, *lhe-assimétrico*) e o percentual mais alto fica em torno de 30% (nota 5, *lhe-simétrico* = 32,5%). Parece que a presença do clítico *lhe* nas cenas, com situações interativas simétricas e assimétricas, despertou percepções destoantes, gerando divergências: a condição *lhe-assimétrico* registra, por exemplo, 23,8% de notas 5 (isto é, 19 dos 80 julgamentos para esta condição) e 28,7% de notas 1 (23 dos 80 julgamentos). A condição *lhe-simétrico*, por sua vez, contabiliza igualmente 15% de notas 4 e 15% de notas 1 (ambos os percentuais representando 12 dos 80 julgamentos para esta condição).

Finalmente, apresentam-se, na Figura 12, os índices percentuais relativos às notas dadas para as cenas em que aparecia o clítico *o/a*:



**Figura 12. Frequência em (%) de notas dadas às legendas com o clítico o/a, divididas pelo tipo de interação.**

Devem somar 100% as frequências distribuídas pela escala, respeitando-se a divisão pelo tipo de interação. Os 100% correspondem aos 80 dados experimentais de cada condição (i.e., 4 cenas experimentais de cada condição multiplicado por 20 participantes)

Em relação à condição *o/a-simétrico*, desponta no gráfico o índice de notas 3, com 35% (ou seja, 28 dos 80 julgamentos para esta condição). A imprecisão entre os julgamentos também chama a atenção, com diferenças percentuais entre os contextos simétricos e assimétricos bem mais estreitas: contabilizam-se 26,2% (21 dos 80 julgamentos) de notas 5 ó a mais alta ó na condição *o/a-assimétrico* e 23,7% 19 dos 80 julgamentos) na condição *o/a simétrico*; já em relação à nota 1, a mais baixa da escala, foram 17,5% (14 dos 80 julgamentos) para *o/a-assimétrico* frente a 11,3% (9 dos 80 julgamentos) para *o/a-simétrico*.

### ***Discussão dos resultados***

Com base nos gráficos, percebe-se que o clítico *te* foi muito bem aceito pelos participantes no estabelecimento da referência à 2SG em relação aos clíticos *lhe* e *o/a*, conforme fora postulado nas previsões do experimento. Estes últimos apresentaram uma distribuição de notas bastante equilibrada, com uma média geral situada próximo ao ponto intermediário da escala (nota 3). Além disso, a grande dispersão de notas para as legendas que traziam esses clíticos parece indicar certa neutralidade das respostas (de modo global) em vez de uma categorização mais radical. Não há um consenso de percepção dos participantes, como o que se observou para as legendas com o clítico *te*, fato que permite pensar que os indivíduos

podem ter hesitado bastante em dar uma nota mais elevada para *lhe* e *o/a* com referência à 2SG.

Quanto ao tipo de interação estabelecida entre os personagens da cena, verificou-se que a condição experimental *te-simétrico* foi a que registrou os maiores índices de aceitação, o que é coerente com a própria gênese do clítico *te*, que, por muito tempo, na língua portuguesa, era a forma de referir-se ao interlocutor mais íntimo, numa interação marcada por maior grau de proximidade (afetiva e/ou social). Os resultados revelaram, contudo, que os participantes não reagiram de maneira negativa ao *te* em cenas marcadas por maior distanciamento entre os participantes, ou seja, à condição *te-assimétrico*. É plausível dizer que o clítico *te* não estaria condicionado à restrição sociopragmática de (as)simetria entre os interlocutores, visto que as percepções dos participantes diante das cenas com interações simétricas e assimétricas são bem próximas. Tal constatação corrobora a previsão inicial de que as condições em que a forma *te* estivesse presente seriam bem avaliadas, independentemente do tipo de interação. A confirmação dessa previsão neste experimento, por sua vez, sustenta a hipótese mais geral de que, ao tornar-se um elemento mais gramatical (uma espécie de afixo), o clítico *te* desvencilha-se de certas restrições sociopragmáticas prototípicas dos pronomes pessoais.

No que tange às condições *lhe-simétrico*, *lhe-assimétrico*, *o/a-simétrico* e *o/a-assimétrico*, viu-se que os resultados do experimento contrariaram as previsões acerca das mesmas. Esperava-se, inicialmente, que (i) a condição *lhe-assimétrico* seria mais bem avaliada do que *lhe-simétrico* e (ii) as condições *o/a-simétrico* e *o/a-assimétrico* seriam igualmente mal avaliadas. A partir das respostas dos participantes considerados neste experimento, todavia, não foi possível confirmar tais expectativas, uma vez que as condições *lhe-simétrico* e *o/a-simétrico* foram, de maneira geral, bem avaliadas. Analisando os resultados de concentração das notas em conjunto com os demais índices (média, mediana e dispersão), parece que o mais coerente seja destacar a *neutralidade* das respostas dos participantes.

No que se refere, particularmente, à neutralidade de percepção diante das condições com o clítico *o/a*, podem-se apresentar, pelo menos, duas razões que a justificariam. Primeiramente, essa neutralidade pode ser vista como resultado de um estranhamento ou desconforto provocado pela presença de um clítico que raramente atua para referir-se à 2SG.

Em segundo lugar, tem-se o fato de a leitura/interpretação da informação de 2SG ter de ser feita por um clítico acusativo [-inanimado], que, conforme destacam Lopes e Marcotulio (2016), não possui o traço de 2SG (como *te*) nem o traço [+humano] (como *lhe*). Em outras palavras, até que ponto os participantes aceitaram, de fato, a possibilidade de *o/a* como uma variante de 2SG? Possivelmente as cenas que traziam em suas legendas esse clítico despertaram dúvidas, o que explicaria a falta de consenso nas respostas dadas pelos participantes.

### Considerações finais

Em linhas gerais, pode-se dizer que os resultados apreciados neste artigo, ainda que sejam preliminares, parecem sustentar a hipótese de que o clítico *te* comporta-se, no PB, de maneira consideravelmente distinta dos outros clíticos de 2SG. Seja por sempre ter atuado em referência à õpessoa com quem se falaõ, seja por não poder se referir a outras pessoas do discurso (3SG, por exemplo), o fato é que a aceitabilidade dos participantes do experimento em relação a essa estratégia foi significativamente mais alta do que aquela registrada para os clíticos *lhe* e *o/a*. Com índices bastante elevados, verificou-se que a percepção dos falantes em relação a esse clítico sustenta as análises de *corpora* já realizadas em outros trabalhos no que diz respeito ao uso generalizado e não estigmatizado dessa forma pronominal.

Em relação aos clíticos *lhe* e *o/a*, os resultados obtidos a partir do teste de julgamento de aceitabilidade também são, até certo ponto, elucidativos. Ainda que as previsões iniciais não tenham sido verificadas no julgamento das cenas, cabe destacar a neutralidade dos participantes em relação às legendas que apresentavam esses clíticos, refletida na intensa dispersão de notas atribuídas segundo a escala proposta. Esse comportamento neutro dos participantes pode ser interpretado como resultante de certo estranhamento ou desconforto causado pela presença dos respectivos clíticos. Embora sejam formas clíticas que podem se referir à 2SG, ficou evidente na distribuição de notas ao longo da escala que tanto *lhe* quanto *o/a* não são percebidas como formas õnaturaisõ para a marcação da õpessoa com quem se falaõ.

Essas evidências sinalizam que parece haver diferenças de comportamento entre o clítico *te* e os demais clíticos estudados, que afastaria o primeiro do comportamento

prototípico dos pronomes pessoais. Se em períodos anteriores da história da língua portuguesa afirmava-se que o uso do clítico *te* era restrito a situações em que houvesse alto grau de proximidade/intimidade entre os interlocutores, no período atual, em relação ao PB, essa afirmação parece não se sustentar. No julgamento de aceitabilidade criado, foi possível verificar que em situações comunicativas que pressupõem maior distância e menor intimidade entre os locutores a aceitabilidade de *te* foi tão elevada quanto em outras situações marcadas pela maior proximidade e intimidade entre os interlocutores.

Como passos futuros desta pesquisa, estão previstos: (i) a replicação do experimento apresentado a um número maior de participantes, de localidades e níveis de escolaridade distintos; (ii) o desenvolvimento e a aplicação de um experimento *online*, através do qual seja possível controlar outras variáveis que não puderam ser capturadas no teste de julgamento, como, por exemplo, o tempo de leitura das construções com os clíticos de 2SG; (iii) a discussão dos resultados experimentais em comparação com dados obtidos em *corpora* sincrônicos e diacrônicos, a fim de tecer uma explicação coerente com as hipóteses defendidas.

## Referências

- 4K Video Downloader. Disponível em: <<https://www.4kdownload.com/pt-br/products/product-videodownloader>>. Acesso em: 14 jul. 2016.
- ALMEIDA, G. de S. *Quem te viu quem lhe vê: a expressão do objeto acusativo de referência à segunda pessoa na fala de Salvador*. 193 f. Dissertação de mestrado. ó Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.
- ARAÚJO, F. J. N. de; CARVALHO, H. M. de. TE e LHE como clíticos acusativos de 2ª pessoa em cartas pessoais cearenses. In: *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, 1 (1): 62-80, jan. | jun. 2015.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BRITO, Onilda Regina Marchioni de. *õFaça o mundo te ouvirõ. A uniformidade de tratamento na história do português brasileiro*. Dissertação de Mestrado em Letras, Estudos da Linguagem. Londrina: UEL. 2001.
- BRIZ, A. Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada en la conversación. In: BRAVO, D.; BRIZ, A. *Pragmática sociocultural ó Estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004, p. 67-93.
- BROWN, R.; GILMAN, A. *The pronouns of power and solidarity*. SEBOOK, T. A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge; Massachusetts: The MIT Press, 1960.



- BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CAMARA JR., J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- COHEN, J.D., MACWHINNEY B., FLATT M., and PROVOST J. (1993) PsyScope: A new graphic interactive environment for designing psychology experiments. *Behavioral Research Methods, Instruments and Computers*, 25(2), 257-271.
- COMPANY, C. C. Reanálisis, ¿mecanismo necesario de la gramaticalización? Uma proposta desde la diacronía del objeto indirecto em español. In: *Revista de Historia de la lengua española*, 5. Madrid: Editorial Arco/Libros, S.L. e AHLE, 2010, p.35-66.
- DERWING, B. L. & DE ALMEIDA, R. G. Métodos experimentais em Linguística. In: MAIA, M.; FINGER, I. (Eds.). *Processamento da Linguagem*. Pelotas: Educat, 2005, p. 401-442.
- GARCÍA SALIDO, M. *Pronombres y afijos personales. Um estudio com datos de español conversacional*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filologia, Universidade de Santiago de Compostela (USC). Santiago de Compostela, 2011.
- GOMES, C. A. ÷Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: PAIVA, M.C.; DUARTE, M.E. (org.) *Mudança linguística em tempo real*, Rio de Janeiro: Contracapa, 2003, p. 81-96.
- HEINE, B. Grammaticalization. In: Joseph, Brian & Janda, Richard D. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell. p. 575-601, 2003.
- HEINE, B. and KUTEVA, T. *The Genesis of Grammar. A Reconstruction*, New York, Oxford University Press, 2007.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.C. e HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Volume I, Philadelphia, John Benjamins Company, 1991.
- iMOVIE para Mac. Disponível em: <<http://www.apple.com/br/mac/imovie/>>. Acesso em: 14 jul. 2016.
- KENEDY, E. Psicolinguística na descrição gramatical. In: MAIA, M. (Org.). *Psicolinguística, psicolinguísticas*. Rio de Janeiro: Contexto, 2015, p.143-156.
- LEHMANN, C. Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change. In: *Lingua e Stile*, a. XX, n. 3, luglio-settembre, 1985, p.303-318
- LOPES, C. R. dos S. ; DUARTE, M. E. L. De *Vossa Mercê* a *Você*: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas In: *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. I ed. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003, v.I, p. 61-76.
- LOPES, C. R. dos S.; MARCOTULIO, L. L. On address pronouns in the history of Brazilian Portuguese, 2016.
- LOPES, C. R. dos S.; SOUZA, C. D. de; OLIVEIRA, T. L. A frequência e o delineamento da gramática: a afixação do clítico te no português brasileiro. *Revista Veredas on-line* 6

atemática 6 2013/02 6 p. 376-397 6 PPG Linguística/UFJF 6 Juiz de Fora. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/04/20%C2%BA-ARTIGO.pdf>

MACHADO, A. C. M. As formas de tratamento no teatro brasileiro e português dos séculos XIX e XX. Tese (Letras (Letras Vernáculas)) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sem bolsa. Rio de Janeiro, 2011.

OLIVEIRA SILVA, Daniele de. *A expressão pronominal do acusativo e do dativo na segunda pessoa no português brasileiro: análise de roteiros cinematográficos*. Dissertação de Mestrado em Linguística Românica. Universität Tübingen, 2011.

OLIVEIRA, T. L. de. Entre o Linguístico e o Social: Complementos Dativos de 2ª pessoa em Cartas Cariocas (1880-1980). Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Faculdade de Letras/UFRJ, 2014.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 395 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

R Core Team. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2013. Acesso em 25 out./2015. URL <<http://www.R-project.org/>>

RAMOS, J. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: HORA, D. (Org). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 43-59.

RUMEU, M. C. de B. *Língua e Sociedade: a história do pronome òVocêo no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

SCHÜTZE, C. T.; SPROUSE, J. Judgement data. In: PODESVA R.; DEVYANI; SHARMA (Eds.). *Research methods in linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2013, p. 27-50.

SOUZA, C. D. de. *Eu te amo, eu lhe adoro, eu quero você: a variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980)*. Dissertação (Letras (Letras Vernáculas))/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

SOUZA, C. D. de; LOPES, C. R. dos S. Estudo histórico do complemento acusativo de 2ª pessoa do singular. In: *Fórum Linguístico*. Florianópolis, v.12, n.4, p.900-914, out./dez. 2015.

SOUZA, C. D. de; OLIVEIRA, T. L. A Representação da 2ª pessoa nas posições de complemento: o papel da categoria social. In: *Working Papers em Linguística*, 13(2): 100-120, Florianópolis, abr./jul, 2013

TRAUGOTT, E. C. *Constructions in Grammaticalization*. In: Joseph, Brian & Janda, Richard D. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell. p. 575-601, 2003.

TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VAN GELDEREN, E. *The grammaticalization of agreement*. In: HEIKO, N.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford University Press, 2011. p.488-498.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Trad. Antônio Houaiss. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

## Processing on singular second person clitics in Brazilian Portuguese

**Abstract:** In this paper, we discuss the results of an offline psycholinguistic experiment (acceptability judgement) built on singular 2nd person pronominal clitics (õteö, õlheö and õo/aö). The hypothesis tested is that there are significant differences in the acceptability of these clitics by Brazilian Portuguese speakers, since clitic õteö is the most general form used by speakers in different communicative contexts. The first data obtained support this hypothesis, as they point to a high rate of acceptability for õteö in contrast to the õlheö and õo/aö forms. The data also dialogues with the sociolinguistic researches that affirm there is a process of generalization of õteö in Brazilian Portuguese.

**Keywords:** 2nd Person Clitics. Acceptability Judgement. Experimental Psycholinguistics.

**Recebido em:** 24 de maio de 2017.

**Aprovado em:** 05 de julho de 2017.